

AS PLUMAS DE JOÃO CABRAL

Pedro Henrique Saraiva Leão

Médico. Escritor. Membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense de Medicina e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES), tendo sido seu presidente nacional.

Que é Poesia?

*uma ilha
cercada
de palavras
por todos
os lados*

Cassiano Ricardo
(In "Poética", de
Jeremias sem-chorar)

*Flor é a palavra
flor, verso inscrito
no verso, como
manhã no tempo*

João Cabral de Melo Neto
(In "Antióde", de *Psicologia da
Composição*)

Se Pedro Álvares Cabral descobriu (mesmo) o Brasil, em plagas nordestinas – Porto Seguro, na Bahia, ou em Fortaleza, Ceará -, ou se aqui \teria aportado antes Vicente Yáñez Pinzón, nisto rinhem há muito os historiadores.

Mas é certo que o pernambucano João Cabral de Melo Neto descobriu, no nordeste do Brasil, bafejado pela brisa do mesmo mar, um modo diverso de fazer poesia!

Cremos que a compreensão incompleta ou inadequada distorce o entendimento e a fruição do produto poético.

A palavra "poesia" vem do grego "poësis", de "poien", no sentido de imaginar, criar. (Aliás, entendemos *arte* apenas no seu correio pós-renascentista, i.e. = *criação!*). Para os latinos a poesia era "*oratio prorsa*", ou, por metátese, a prosa.

O renomado professor de Literatura, Massaud Moisés, supervalorizando a metáfora, assevera que "poesia é permanente substituição, ambigüidade, dar a entender, parecença com: jamais o termo direto, a palavra do sentido único e preciso".

Data vênia do insigne mestre, permitam-me julgar nem sempre válida (ou única) essa definição, e, confesso, arrimar-me mais à verdade do poeta e pediatra norte-americano William Carlos Williams: “um poema não deveria significar, mas ser” (*a poem should not mean, but be*).

João Cabral de Melo Neto, estribando-se em um dos seus gurus, Murilo Mendes, concluiu que “a função do poeta é *dar a ver* (a cheirar, a tocar, a provar, de certa forma a ouvir: enfim, a sentir).

Nas suas **Confissões**, Santo Agostinho referindo-se ao tempo indagou: *Quid est ergo tempus? Si nemo ex me quaerat scio; si quaerenti explicare velim, nescio* (O que é o tempo? Se não me perguntam o que é, eu sei; se mim perguntam o que é, não sei). Tal felicíssima reflexão pode ser extrapolada, integralmente, para a poesia.

Em verdade, a despeito dos doutorais conceitos universitários, acadêmicos, das contradições da crítica oficial em suas teorias confusionistas acerca de gêneros literários, acreditamos (até) ser mais fácil identificar o texto não poético, sem poesia!

A poesia será sempre rimada, ou basta-lhe ser *remada com rumo certo*? Para nós, a rima deve ser, sim, contextual, ideogramática, metaléxica*. Rime-se, pois, *frio com lâ, orvalho com manhã, remo com rumo*. Rimem-se, isto sim, as idéias! Com o ideário, o alforge de pensamentos, a sensibilidade e o arguto intelecto de que eram providos, o que de mais ainda poético teriam escrito Olavo Bilac, Fagundes Varela, Castro Alves, Raul de Leoni, Cruz e Souza, e tantoutros! Não fossem os grillhões cânones da rima, a seu tempo vigentes! Por igual, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Carlos Drummond de Andrade, necessariamente não rimavam, e portanto, não teriam sido grandes poetas?!

Temos que **poesia** é o conjunto lapidarmente sintetizado por **Ezra Pound**, mestre deste gênero no último milênio: *logopéia* (a palavra), *fanopéia* (a imagem), e *melopéia*, a música.

Como ilustrou-o, (quase) à exaustão, João Cabral de Melo Neto, mais ou menos nesta ordem:

* Alusiva à “metalinguagem”, ou seja: “linguagem sobre a linguagem”, como definiu Haroldo de Campos (1970).

A cidade é passada pelo rio
como uma rua
é passada por um cachorro:
uma fruta
por uma espada

Como todo o real
é espesso.
Aquele rio
é espesso e real

(De *O Cão sem Plumas*)

(.)
É porque quero que escrevo o verso
que a vosso ouvido soa de ferro,
(.)
(.)
(.)
o que escorrer liso da melodia
que é o que se chama e pede à poesia.

(De *Agreste*)

Poesia há que ser bela sempre? O feio não poderia ser poético?

O poema, ou um texto que se quer poético deve (ou deveria) ser bom, sempre; belo, ou nem tanto, ou mesmo feio, mas de boa qualidade! Tais indagações, cremos, são, a rigor, despiciendas; se já foi dito que na contemplação da obra de arte a beleza está nos olhos de quem contempla, na apreciação da literatura (leia-se *poesia*) a beleza está nos olhos do leitor! Indagado se seria um poeta hermético, João Cabral respondeu: *O hermetismo depende mais do leitor do que do autor!* Questionamentos semelhantes podem outrossim ocorrer: toda poesia é um poema? todo poema é poético? Seria correto admitir, como já foi prolatado, ser todo verso “prosa metrificada”, e toda prosa um “verso continuado”? E “verso”, o que é mesmo? Sabemos que *in versum* é uma disposição “em fileira”; para os latinos *versos* eram os sulcos feitos na terra pelo arado: *In arando versum peragere*.

E por aí seguem as divergências da crítica acadêmica, *pabulum vitae* dos lentes de Literatura, para certo desencanto e segura confusão

dos seus alunos! Ezra Pound já advertia: “a excelência da crítica se mede não por sua argumentação, mas pela qualidade de sua escolha”.

Para dirimir estas supérfluas questiúnculas, por que não substituímos a palavra “poema” ou a palavra “poesia” por “composição (como queria João Cabral), ou por “produto”? ou, simplesmente, por “texto”? Ao termo “verso”, Cassiano Ricardo* propôs a palavra “linossigno”, eis que tal significa “linha” (lino), espinha dorsal da palavra na linha, e “signo”, sobre o seu suporte gráfico. Cunhem-se, destarte, novas denominações, novos termos literários, pois, como salientado pelo mesmo Cassiano Ricardo, “só uma nova terminologia cria uma realidade nova”!

João Cabral de Melo Neto (na sua própria classificação) declarou pertencer àquela família de poetas que *procuram* a poesia, diferentemente dos que a *encontram*. Enquanto aqueles mais transpiram do que são inspirados, estes colhem da predominante inspiração o material para seus textos. São os poetas que esperam que o poema aconteça, sem (...) força-lo a “desprender-se do limbo”, como afirmado por ele em conferência pronunciada em São Paulo, a 13/11/ 52, durante um curso de Poética promovida pelo Clube de Poesia do Brasil.

Os poetas que *procuram* poesia, elaboram suas composições com pá, com palavras, com cinzel e buril; os que aguardam poesia, nas lufadas eventuais e propiciatórias da inspiração, *encontram-se* nas alfombras e nas sombras do sonho, e nos favos de mel.

João Cabral, com aqueles instrumentos metálicos, com “uma faca só lâmina”, aliada à sua sibilina, Severina, lúcida, lógica mente, esculpiu sua pedra, com a qual tanto aprendeu! E sobre essa pedra construiu sua igreja!

*Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, freqüenta-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria*

* Poeta e ensaísta paulista, de São José dos Campos. Em poesia publicou 20 livros, entre eles: “*Martim Cererê*”, Ed. Saraiva, 1928. “*Jeremias sem-chorar*”, J. Olympio, 1964, e “*Os Sobreviventes*”, J. Olympio, 1971.

*ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições da pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.*

Sua vitória da composição sobre a inspiração, sua precisa, geométrica construção talvez promanam de seu primo e conterrâneo, o imenso Manuel Bandeira (1886-1967), e de seu admirado mestre mineiro, Murilo Mendes (1901-1975), este por sua poesia surreal e substantiva. Com Murilo Mendes, o poeta entreteve produtivas afinidades espanholas e barrocas (!), porquanto ambos por lá quedaram-se algum tempo. Por razões afins, JCMN apreciava o também mineiro, o itabirano Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), e nítidos ecos deste último ouvimos em *Algumas Poesias* (1930) e em *Brejo das Almas* (1934).

Manuel Bandeira disse textualmente: “Murilo Mendes é talvez o mais complexo, o mais estranho e seguramente o mais fecundo poeta de sua geração”. E Murilo Mendes, aos 62 anos (In *Convergência*, 1963-66) dedicou a João Cabral um “Murilograma”, onde se lê:

*Sim: não é fácil chamar-se
João Cabral de Melo Neto.
Força é ser engenheiro.
Mesmo sem curso e diploma,
Pernambucano espanhol
Vendo a visa sem dissímulo;*

*Construir linguagem enxuta
Mantendo-se na precisão,
Articular a poesia
Em densa forma de quatro,
Em ritmos de ordem serial;
Aderir ao próprio texto*

*Com o corpo, escrever com o
Corpo;
Exato que nem uma faca.*

O magistral e polêmico crítico Antônio Cândido, nos idos de 1943 recebia a “*Pedra do Sono*”, o primeiríssimo de JCMN (1940-44), e impressionou-lhe o que denominou seus “estereogramas poéticos”, seu “cubismo de construção”, e seu “senso surrealista de poesia”, para ele uma “despoetização” algo exagerada (“Poesia ai Norte”, *Folha da Manhã*, São Paulo, 13/06/1943).

Em 1952, quando JCMN já publicara 5 livros, o notável crítico Sérgio Buarque de Holanda* chamou a atenção de seus colegas para aquele poeta diferente, e sugeriu seguirem-lhe de perto! Poucos *experts* da época acataram seu conselho, e estranha-se, sobremaneira, que outro crítico de nomeada, Mário da Silva Brito, no formidando *Panorama da Poesia Brasileira*, vol. VI (Modernismo) (Ed. Civilização Brasileira, S.A Rio de Janeiro, 1959), publicado em 1959, tenha omitido JCMN e seus 9 livros até quatro anos antes!

A jornalista Marília Martins (In *Jornal do Brasil*, 18/03/92), reportando-se à exposição na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, homenageando os 150 anos do nascimento do poeta francês Stéphane Mallarmé (1842-1898), referiu que o setor de de Filologia daquela instituição constatará quatro “Mallarmés” distintos na poesia brasileira. O primeiro deles influenciou nossos simbolistas (v.g., Alphonsus de Guimarães); o segundo foi intuído pelos modernistas e por JCMN em *Pedra do Sono* (1940-41), e *Psicologia da Composição* (1946-1947)**; o terceiro efeito mallarmaico foi contaminar os poetas concretos, por ter criado um novo processo de organização poética, quebrando o ver-

* In *O Espírito e a Letra. Estudos de Crítica Literária II* (1948-1959). Cia das Letras, São Paulo, 1996.

** Para alguns, “modernistas” são aqueles autores que sobressaíram na badalada Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, de 13-17/02/22 (Mário e Oswald de Andrade, entre outros) e os que lhes seguiram desde então. A historiografia literária, contundo, querendo-se mais exata, situa o Modernismo, como período estilístico, aquele iniciado àquela data até o final da década de 1950.

so, explodindo palavras, valorizando o branco da página, descobrindo as “subdivisões prismáticas” da idéia; o 4º Mallarmé ficou refletido nos poetas brasileiros dos anos 70, entre eles o significativo curitibano Paulo Leminski, falecido em 1989. Contudo, concordam analistas mais recentes que esta “ansiedade da influência” - assim denominada por Harold Bloom, festejado autor de *O Cânone Ocidental* (Ed. Objetiva. Rio de Janeiro, 1995) - não se fez sentir maiormente em João Cabral de Melo Neto.

Não obstante, “Pedra do Sono, seu “debut” literário, dedicado “A meu pai e minha mãe / A Willy Lewin* e Carlos Drummond de Andrade, ostenta, como epígrafe, um verso de Mallarmé: “Solitude, récif, étoile”!

Em um de seus poemas mais famosos - em verdade uma das matrizes da poesia Concreta no Brasil -, S. Mallarmé sentenciou: *Um Coup de Dés Jamais n’abolira le Hasard*, ou seja: “Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso”**.

Naquele sentido, o respeitado professor de Teoria Literária e Literatura Comparada, João Alexandre Barbosa concluiu ter JCMN superado esse acaso (*hasard*) do felicíssimo autor francês, como demonstrado no texto “A Quevedo” (*In Museu de Tudo*) (1966-74):

*Hoje que o engenho não tem praça,
que a poesia se quer mas que arte
e se denega a parte
do engenho em sua traça,
nos mostra teu travejamento
que é possível abolir o lance,
o que é acaso, chance,
mais que o fazer é engenho.*

Aliás, o próprio João Cabral, em entrevista ao poeta e jornalista

* Escritor e crítico pernambucano que reunia-se com o poeta, no Café Lafayette, no Recife, juntamente com o pintor, Vicente do Rego Monteiro, recém-chegado de Paris, em 1938.

** Vale mencionado que o poeta paulista Edgard Braga nasceu contemporaneamente (1897) a esse importante poema! E também ele - Edgard - argamassou o concretismo brasileiro. (Ver: *Desbragada*, org. Régis Bonvicino. Ed. Max Limonad, São Paulo, 1984).

Félix de Athayde, em 1998, confessa seus débitos a Paul Valéry e ao arquiteto Le Corbusier, com quem diz ter aprendido que “a poesia é uma construção, como uma casa”; admite também os sopros recebidos dos imagistas T.S. Eliot, e William Auden, como dos poetas metafísicos (ou melhor chamados inovadores, paradoxais) ingleses, entre os quais pontificou John Donne (1572-1631). E aduziríamos a multimoda escritora americana Gertrude Stein (1874-1946) em cujo salão, em Paris, reuniam-se, entre outros, Hemingway, F.S. Fitzgerald, Sherwood Anderson*. Gertrude Stein é aquela do verso conhecido: “uma rosa é uma rosa**”, e com ela JCMN muito se irmana, na precisão matemática da linguagem, e no hálito semântico de suas composições!

Ao longo de todo o *opus* literário de JCMN reconhece-se, latente, mesmo nos seus eventuais e tênues sopros líricos (ver Apêndice, em sua *Obra Completa*, Ed. Nova Aguilar, Rio, 1994), o sentido social e humanitológico de seus textos***. Para melhor análise deste aspecto do estro cabralino enviamos o leitor ao excelente ensaio elaborado pelo crítico carioca, da Academia Brasileira de Letras, José Guilherme Merquior****, falecido aos 50 anos, em Tal consciência social terminou por transbordar nos palcos, quando o poeta passou a ser respeitado na ribalta, em contacto mais estreito com o povo, cuja realidade, cuja dramaticidade tanto o instigaram na cerebração de seus “prosemas” (Taí!, mais uma denominação para poema em prosa!).

Esse cunho dramático, teatral, encenável, é evidente em *Os Três Mal-Amados* (1943), *Dois Parlamentos* (1984), *Morte e Vida Severina* (1955) e *Auto do Frade* (1984).

O primeiro, com o subtítulo *Auto de Natal Pernambucano* foi encomendado pela teatróloga Maria Clara Machado, e encenado somente 10 anos depois, pelo Teatro da Pontifícia Universidade de São Pau-

* Por coincidência, “Stein”, substantivo alemão, significa “pedra”, em português!

** Em Fortaleza, CE, inadvertidamente (?) parafraseado por Gerardo Bastos!

*** Humanitologia: O estudo de todos os valores que procuram afirmar a vida e a sobrevida da civilização humana (In Bessinger, C.D. New Engl. J. Med., 314 (4): 249-250, Jan. 23, 1986.

**** José Guilherme Merquior. *A Astúcia da Mimese*. J. Olympio, 1972. Nova York, em 1991.

lo (Tuca) (1966), com direção de Sinei Siqueira e música de Chico Buarque de Holanda. Ganhou o festival de teatro de Nancy (França), sendo posteriormente apresentado em Paris. O frade em questão é frei Joaquim do Amor Divino Caneca, pernambucano condenado e fuzilado, em 1825, durante a Confederação do Equador, ao tempo de D. Pedro I. *O Auto do Frade* é a principal obra de referência do seu execrando martírio.

O escritor paranaense Luís Bueno, finalizando seu texto sobre JCMN. (In *Letras*, revista da UFPR, julho-dezembro 99, n.52), afirma: “E a morte de João Cabral? Estaria inscrita já na sua obra, na sua vida? (...) Teria sido também por parte do inevitável?”

JCMN, em *Autobiografia de um só dia*, de *A Escola das Facas* (págs. 439-440) revela: “Porém em pleno céu de gesso, naquela madrugada mesmo, nascemos eu e minha morte”!

Cindo anos antes de sua morte, em 09/10/99, acordou cego de uma operação para correção de uma hérnia do hiato esofágico. Cego por úlcera de córneas por exposição! ‘*Malpractice*’ (erro médico)? Posteriormente declarou, em 1998, que, ao perder a visão perdera a memória, a qual, acreditamos, é um generoso fole de poesia!

Em *O último poema* - aliás não seu derradeiro texto, pois enfeixado em *Agrestes* (1981 - 1985), compõem assim:

O ÚLTIMO POEMA

*Não sei quem me manda a poesia
nem se Quem disse a chamaria.*

*Mas quem quer que seja, quem for
esse Quem (eu mesmo, meu suor?),
seja mulher, paisagem ou o não
de que há que preencher os vãos,*

*fazer, por exemplo, a muleta
que faz andar minha alma esquerda,
ao Quem que se dá à inglória pena
peço: que meu último poema*

*mande-o ainda em poema perverso,
de antilira, feito em antiverso.*

Poeta espartano, de magro verso e gélida linguagem, para quem “é falso tudo que é espontâneo”, João Cabral, poeta “*sui generis*”, e nesse gênero o maior entre nós até agora, é uma pedra de toque da poesia brasileira. Para ele poesia era “um autêntico laboratório da linguagem”, para a “a elaboração trabalhada do poema”, dos seus (todos!) didáticos poemas. Era o pedreiro da poesia, e desversificou-a, construindo a coisificação objetiva do verso.

*Aquele rio
era como um cão sem plumas.
Nada sabia da chuva azul,
da fonte cor-de-rosa,
da água de cântaro,
dos peixes de água,
da brisa na água.
Sabia dos caranguejos
de lodo e ferrugem
Sabia da lama
como de uma mucosa.
Devia saber dos polvos.
Sabia seguramente
da mulher febril que habilita as ostras.*

Para João Cabral de Melo Neto, “A poesia (...) é a exploração da materialidade das palavras e das possibilidades de organização de estruturas verbais, coisas que não têm nada a ver com o que é romanticamente chamado *inspiração* ou mesmo *intuição*”. O exercício da poesia era uma “exploração emotiva do mundo das coisas, e (...) rigorosa construção de estruturas formais lúcidas, lúcidos objetos de linguagem”.

Na foto da sua posse na Academia Brasileira de Letras (1969), envergava o clássico fardão, com os tradicionais e florais adornos.

Estes foram suas únicas plumas, as plumas de João Cabral!